



Tal e qualquer artigo, desenho e correspondência
 para ser inserido a Rua Direita n. 54, em casa dos
 Srs. Góes, Pato & C.
 Aceitamos todo o colaboração gratuitamente, es-
 tando na offiça de programma.
 Vende-se a 100 rs. na Rua do Hospício n. 4-13

PREÇOS.
 Corte ☐ Perfil ☐ Hji
 Por Anno. 8.000 | Por Anno. 7.200
 6 Meses. 3.000 | 6 Meses. 3.000
 1 Mez. 500 | 1 Mez. 500
 AVISO 100 rs.



Vai, percorre o mundo, e dise-lhe que as letras e as artes ainda não morre-
 ram.

O ARTISTA.

26. 7. de Janeiro de 1866.

O jornalismo, como a humanidade, tem também o seu destino. As publicações periódicas são outras tantas esperanças, que desfolhão-se ao nascer, ou vivem enbaladas com os esplendores do futuro.

O septicismo, que invade e adormece o predomínio publico, vem sempre de embale contra as mais bellas aspirações. Raro é, portanto, o viajor que não estaca em meio do caminho, por que a aurora da esperança é muitas vezes o seu occaso.

Os commettimentos da imprensa são quasi sempre uma utopia em nossos dias; contão-se as publicações pelos immensos sacrificios que custarão.

Não bastão os esforços somente, é preciso coragem e resignação para a jornada; por que a indifferença geral ergue-se a encadear o jornalismo à terrivel fatalidade, que o persegue.

Vai, pois, O ARTISTA por seu turno fazer a sua pergrinação. Antes disso permitta-se-lhe apresentar a sua profissão de fé, a sua exposição de principios.

Litterario e artistico, o seu título é por si só bastante significativo para que elle precisasse dizer o que era, e a que vinha; mas satisfaça-se a esses preceitos das velhas usanças, sigão-se as doutrinas sancionadas pela tradicção.

Poucas palavras bastão-lhe para tanto.

O ARTISTA procurará enunciar com justiça o seu pensamento a respeito dos diversos ramos de litteratura, d'arte e das obras que se publicarem. Nunca o fará porem sem aquella decencia e dignidade, que são condignas de cavalheiros que se presão.

Jornal illustrado, elle não será jamais o desforço das questões pessoases, ou politicas; a sua missão, ainda nessa parte, será toda litteraria e artistica, procurando manter-se na altara que lhe convem.

Agora que elle fez a sua entrada no mundo das letras, que o julguem tal qual é.

Se merecer as sympathias e a benevolencia do publico, exforçar-se-ha para bem conserval-as; mas se for obrigado a retroceder, restar-lhe-ha ao menos a satisfação de ter iniciado os passos nessa gloriosa carreira.

O tempo e a opinião publica serão os seus juizes.

NOX

A. A. G.

Tout est doux, calme, heureux, apaisé, Dieu regarde

V. Hugo — Eclaircie.

A noite invade o céu e o negro manto
 Estende sobre a terra; as nuvens roseas
 No occidente se obumbraem; tudo em trevas,
 Tudo em silencio jaz. As flores puras
 Entre as virentes relvas se reclinam;
 As aves dormem; tão somente a briza,
 De quando em quando, suspirando geme,
 Como negra phalena que esvoaça
 Com as membranosas azas acenando,
 Ou qual o frouxo resommar da virgem
 Que em sonhos de ventura titubia
 Nome que precavida n'alma guarda.

Luz do artifício vertem, pelas ruas,
 Presas as lampeões como um insulto
 A's estrellas do céu rompe o silencio
 Dos coches o rodar atropelado
 Ep'lo longo lagoado se tresmalha,
 O povo estulto. A pallida donzella,
 Entre gazas e fitas que adulteram
 A natural belleza, espera ardente
 A hora do sarão. Garridos jovens
 Ante os espelhos, placidos estudam
 Affectado ademão, postura ignava
 Com que virgíneos corações captivem.
 Em largo cartapasso previdente —
 Xales embute cubicosos velho —
 Que o esgotado horario á banca supram.

A hora soa enfim: em sala extensa
 Mesclam-se os vícios: a mordante inveja
 Agita as prezas; a cubica toima!
 A virgem pudibunda a valsa arrasta
 Nos braços debeis de la-cixa jovem
 Que mentirosas theorias verte,
 Sem testemunha, em animo innocente
 — Como o veneno que depois a serpe
 No calix aureo da queima estende. —

Rollam na banca collossaes fortunas !
 Soa a orchestra; rutilam diamantes;
 Vaidoso o luxo ostenta-se ao reflexo
 Das vacillantes luzes. Reina a festa !
 Tudo é prazer, encanto, alacridade —
 Delira a turba e a *amanhã* esquece:

 O torvo satanaz contempla e ri-se.

Depois reina o silencio; os astros fulgem
 Na abobada celeste; a lua argentea
 Erguendo-se do mar, verte supina
 Melancolica luz; a briza adôra
 Sorrindo, as flores vem beijar na relva.
 Tudo dorme. O poeta solitario
 Erra nos campos; ao fulgor dos astros
 E ao sussurro das auras abre o peito.
 Entumece-o de amor e de poesia.
 Anatureza o inspira — pensativo
 Sonha purezas e oblações murmura.
 A casta virgem — que detesta o baile —
 Ergue-se prestes do virginio leito,
 Enche de encanto o coração singello,
 A harpa abraça e despertando o êcho
 Accordes vibra que com as notas frouxas
 Do pallido poeta, ao ceo remontam:

 Deus com sorriso carismal escuta.

Flumen Juncus.

Corte junho 23 1862

Fazemos um mimo aos nosos leitores, publicando n'estas paginas, uma das mais fornozas traduções, quẽ porventura tem apparecido entre nós.

E talvez a mais linda poesia de *Saint-Germain*, e que só um poeta inspirado como o sr. Joaquim Serra, teria a fortuna de verter para o nosso idioma, conservando-lhe a fidelidade das imagens, a frescura das tintas e a delicadesa do sentimento, allem dos toques suaves e correctos que tanto distinguem os escriptos do autor das *Rozas de Nétel*.

EU NÃO ERA NADA.....

(SALVO. — GERMÂNIO.)

Eu não era nada! Simples gota de orvalho
Que a noite derramou na petala da flor;
Mas quando o sol ergueu-se, as flores dando vida,
Torrentes espargindo de luzes e fulgor,
Eu não tornei-me pallida, perante a pobre gota,
A perola e a saphyra, a opala e a esmeralda...
Mas se não fosse o sol, tu sabes minha amada,
Quem não seria nada!

Eu não era nada! Pequeno e triste insecto
Que o seu caminho busca na relva do jardim
Mas inclinou-se a rosa um dia para o solo
No calice glorioso cedeu-me abrigo enfim!
N'um leito tão divino tomei divinas cores,
De escura a minha pelle tornou-se azul-dourada;
Mas, se não fosse a rosa, tu sabes minha amada,
Quem não seria nada!

Eu não era nada! Brinquedo de creanças,
O globo de sabão que sobe e desce e cahe,
Eu da tua quiseito me erguer co'o sopra brando,
Subi, subi... para o ceo e o limbo globo cado...
Levava no meu seio o teu habito celeste,
Deixei-o lá,quelle era essencia delicada,
Mas, se não fosse o ambiente, tu sabes, minha amada,
Quem não seria nada!

Eu não era nada! Salgueiro solitario,
Vivendo junto ao tumulto por inflexível lei,
Mas quando a virgem hera, per sobre a minha côma,
Lançou seus lindos braços, com ella me abracei....
Abraços tão ardentes trouxerão vida nova
A arvore funerea, já triste e amarellada;
Mas, se não fosse a hera, tu sabes minha amada,
Qu'eu não seria nada!

Eu não era nada! Uma alma em triste exilio,
Errante, desolada, gemendo na aflicção,
Na borda do caminho cahi já moribundo,
E tu me dêste o braço, ergueste-me do chão!
Por ti reanimado sentindo um doce beijo,
Vivi, e a minha lyra cantou mais afinada....
Mas senão fosse o beijo, tu sabes, minha amada,
Eu não seria nada!

Joaquim Serra.

REVISTA THEATRAL.

A arte entre nós está bem longe de attingir o seu verdadeiro fim. Em quanto o charlatanismo faz progresso, o bom gosto parece transviar-se, porque o verdadeiro culto artistico já não conta sacerdotes.

O *grotesco* succede ao *bello*. Vai-se pedir ao theatro as banalidades que fação rir; mas o drama, que encerra uma these moral, que deleitando apresenta principios sinceros e verdadeiros, este não pode subsistir por muito tempo, porque a seu merito para com o publico, está na ephemera novidade com que é recebido.

Vejamos o exemplo.

O *Gymnasio*, dirigido por um artista — genio, e tendo uma excellente companhia, vê-se muitas vezes obrigado a transferir os seus espectaculos.

porque nem sequer tem vendido bilhetes para cobrir as despesas!

O *Aleazar*, em cujo seio nunca houve consciencia d'arte, aonde a immoralidade mostra-se de face erguida conquistando applausos, o *Aleazar*, dizemos, goza hoje dos foros de theatro, e o seu director faz fortuna, graças a imbecillidade dos seus *habitués*, e a licença que lavra alli de uma maneira insolita.

E' que o Sr. Arnaud comprehendeo perfeitamente o espirito da epocha e viu que umas bonitas pernas, um *caneau comme il faut* satisfaz mais ao bom gosto humilissime, do que a sinceridade e a verdade em scena.

Volvemos aos antigos tempos de cavallaria. O que fazia-se por meio das armas faz-se hoje com os *houquets*, e as odaliscas aleazarianas vão-se deixando levar pelo mais puro e eterno dos amores; — o amor sonante!

O *Gymnazio* vai sempre caminhando do progresso. O Sr. Fardolo Coelho não poupa esforços, para engrandecer o palco aonde elle reina por seu talento, aonde conquista ao mais vivas sympathias, os louros da sua gloria.

Os dramas escolhidos e mimicos que vão a scena de continuo, são por si sós bastantes para chamar a concurrencia publica, se não influissem tambem o bom desempenho, a consciencia com que são interpretados os papeis.

Mas le que modo o publico corresponde a esses esforços? Negando o seu concurso, tirando a attenção ao unico theatro que hoje temos.

Muito embora. A arte vivora não grata o charlatanismo, e quando se tem cumprido com os seus deveres, não ha de ser de certa indifferença que venha matar a creença.

Aristophanes.

~*~*~*~*~*~*~

Contendo pouco espaço pelo acanhado de sua forma, o nosso jornal, presentemente symboliza uma ideia. Esperamos, porém, que o publico apreciando com a devida justiça as nossas intenções, prestar-nos-ha o seu appello; e então o ARTISTA augmentará de formato na razão do concurso que obtiver, podendo d'esta arte offerecer aos seus leitores um maior numero de desenhos, e de escolhidos artigos, para o que a F. Lacerda empenhára todos os seus esforços.



L'ESPRIT DES BETES

POR

Flumen Junius

—“Meu caro Sr., declaro-lhe que em ponto de delicadeza não aceito lições de ninguém!...”—